

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM TEOLOGIA

ANDRÉ LUIS DO VALE

O SOFRIMENTO SEGUNDO A
“*SALVIFICI DOLORIS*”

ANÁPOLIS-GO
2019

ANDRÉ LUIS DO VALE

O SOFRIMENTO SEGUNDO A
“SALVIFICI DOLORIS”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis no curso de Extraordinário Aproveitamento em Teologia na disciplina TCC sob a orientação do Professor Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, OFM.

ANÁPOLIS-GO
2019

RESUMO

Esse trabalho teve como finalidade mostrar a realidade do sofrimento. Infelizmente faz parte da vida humana. Por isso, é importante descobrir o sentido do mesmo. A rejeição ao sofrimento leva a pessoa ao desespero. Portanto, é muito necessário descobrir o verdadeiro sentido do sofrimento. Com isso, a pessoa colhe inúmeros benefícios. Torna a pessoa mais humana, madura, solidária. E também pode aproximar mais de Deus. O sofrimento de Jesus nos redime e salva.

Palavras-chave: Sofrimento. Sentido. Solidário. Redentor.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDRÉ LUIS DO VALE

O SOFRIMENTO SEGUNDO A
“*SALVIFICI DOLORIS*”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis no curso de Extraordinário Aproveitamento em Teologia na disciplina TCC sob a orientação do Professor Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, OFM.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, OFM

Orientador

ANÁPOLIS-GO

2019

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 DEFINIÇÃO DE SOFRIMENTO.....	8
3 O SENTIDO DO SOFRIMENTO.....	10
3.1 Atitudes diante do sofrimento.....	12
3.2 O sofrimento do inocente.....	14
4 O SOFRIMENTO SOLIDÁRIO.....	16
4.1 O sofrimento de Cristo nos redime.....	16
4.2 O sofrimento em relação ao próximo.....	18
5 O SOFRIMENTO ENGRANDECE O HOMEM.....	21
CONCLUSÃO.....	25
BIBLIOGRAFIA.....	27

INTRODUÇÃO

O sofrimento é uma realidade que atordoa o homem de todos os tempos e épocas. É algo profundamente enraizado à existência humana. Existe algo em comum, todos sofrem, porém, cada um do seu jeito; o modo de encarar varia de pessoa para pessoa.

O sofrimento aparece-nos como mistério difícil de explicar, embora faça parte da vida do homem em todos os tempos, raças, culturas e religiões. Diante disso, vêm-nos várias questões, como: porque sofreremos? Qual finalidade do sofrimento? Qual o sentido? Como Deus, Sumo Bem permite que algo de ruim aconteça na vida das pessoas? Será castigo? Se for assim, e o sofrimento dos justos? Os inocentes que sofrem?

Diante da imensa gama ou complexidade de perguntas, o homem sempre tentou dar uma resposta. Para isso recorreu a mitos, religiões e ciências. Não é fácil esgotar a explicação, mas podemos compreender e dar um sentido ao sofrimento. Muitas vezes não há como eliminá-lo da vida, então, é necessário descobrir o sentido que já contém, como, também, encontrar melhores formas para viver tal sofrimento, tendo em vista, que existem dois tipos de sofrimentos: físico e o espiritual.

O presente trabalho aponta essa realidade que envolve a vida do homem e como ele enfrenta o sofrimento que lhe advém.

O Capítulo primeiro: definição. Neste capítulo faz-se uma breve definição de sofrimento e uma distinção entre os termos, sobretudo, no Antigo Testamento.

O Capítulo segundo: O sentido do sofrimento. Este ponto funciona como fio condutor para fazer uma experiência diferente do sofrimento. Descobrir-se-á o seu sentido, o de encará-lo, o motivo e a atitude diante dele. Por que o sofrimento do inocente? E por que ele inquieta tanto a mente do homem?

O Capítulo terceiro: O sofrimento solidário. Esta parte é de suma importância, porque recebemos do próprio Deus o exemplo, isto é, o próprio

Cristo com sua encarnação, paixão e morte humilhante ensinou-nos a sofrer. Ele não necessitava fazer isso. Uma palavra explica tudo: amor. Ele foi solidário ao homem e ensinou que devemos ser solidários uns com os outros. O sofrimento aproxima os homens uns dos outros e os torna sensíveis diante da mútua miséria. Cristo libertou-nos do sofrimento presente, mas, sobretudo, quer libertar a todos do eterno sofrer. O sofrimento com Deus é algo muito fecundo e a matéria prima de salvação para si e para muitos outros que também peregrinam pelos caminhos dolorosos da vida.

No Capítulo quarto vemos que; O sofrimento engrandece o homem. Se descobríssemos o sentido e a vivência do sofrimento, veríamos como uma experiência de vida sofrida tem frutos visíveis. Mesmo sem uma perspectiva de fé, existem pessoas que se tornaram célebres, grandes e nobres graças ao esforço e ao sofrimento que souberam enfrentar. O sofrimento é uma forma do homem encontrar consigo mesmo, com o outro e com Deus. Isso faz dele, cada vez mais, humano. É também pedagogia de Deus para levar seus filhos à salvação e para provar a sua fé. Faz-nos mudar de vida. Enaltece o homem, sobretudo, diante de Deus, purifica-o de suas impurezas. Torna o homem grande e nobre aos olhos de Deus e o capacita a viver com profundidade os outros mistérios da vida.

1 DEFINIÇÃO DE SOFRIMENTO

Ao tratar do sofrimento devemos ter em conta que é uma experiência ampla, universal e complexa. Existem vários modos e atitudes diante do sofrimento. Trata-se de um tema universal, que acompanha o homem em todos os quadrantes da longitude e da latitude terrestre, num certo sentido, coexiste com ele no mundo. Este acompanha o homem em toda a sua vida, desde o primeiro até o último passaram, passam e passarão pelo crivo da dor, do sofrimento. Ele não escolhe cor, raça, estado social ou econômico. Até os animais sofrem, porém, não sabem que sofrem: Aquilo que nós exprimimos com a palavra “sofrimento” parece entender particularmente algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem (...) O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem (JOÃO PAULO II, 2004, p.6).

Diante de algo tão misterioso e complexo parece até ser difícil definir. No entanto vamos fazer isso. Começaremos com significado hebraico. No Antigo Testamento este termo possui muitas matizes, portanto, muitos conceitos. Com isso, aparecem certas confusões e até divergências. Em hebraico:

A raiz em hebraico r “designa globalmente o que é mau em oposição ao que é bom, sem distinção entre sentido físico, psíquico ou ético. Encontra na forma substantiva ra’ (masculino “mau” ou “o mau”) e rã ‘ã (forma feminina) que indica indiferentemente o mal em si, ou a ação má, ou aquele que a pratica. Aplica-se tanto a coisas quantos a pessoas, mas quando referido às coisas “más”, a qualidade negativa assinalada é vista a partir do ser humano e em função dele (RUBIO, 2001,p.615).

Em hebraico não existe uma palavra para diferenciar sofrimento e mal, são vistos em identidade e em profunda relação. No Antigo Testamento, preocupa com o mal na medida em que afeta o ser humano; centra-se na relação mal e homem na medida em que o mal interfere na vida do homem este se torna objeto de atenção e de preocupação dos redatores veterotestamentários. Neste contexto, quando se fala de mal, não se faz distinção entre o físico e o moral. Vê o sofrimento como um castigo, uma pena ao homem que desobedece e afasta de Deus, isto é, “uma punição divina do pecado, de uma falta do homem; de tal forma que é o próprio homem causador do sofrimento”(SOUZA, 1989, p.1255). Antes de Jó era essa a visão predominante, depois; todavia, essa afirmação já é mais absoluta, pois nem

sempre o sofrimento é castigo de Deus. Jó era um homem justo e temente a Deus mesmo assim sofreu muito.

No Antigo Testamento a relação entre sofrimento e mal se identifica profundamente, prova disso que no hebraico não existe uma palavra correspondente ao sofrimento e sim ligado ao mal. Já no Novo Testamento é diferente, daí temos no grego:

“o verbo *πασχώ* *sou afetado por...*, experimenta uma sensação, sofro. É importante ter em vista que o sofrimento já não mais se identifica diretamente com o mal (objetivo), mas exprime uma situação na qual o homem sente o mal, e sentindo-o, torna-se sujeito do sofrimento” (JOÃO PAULO II, 2004, p.12).

Este verbo foi usado por Homero denotando “algo sobre a vivência ou a experiência de um efeito que influi em mim, porém, que está situado fora de mim”(COENEN; BEYREUTHER; BIENTENDHARD, 1999, p.680).

Existe também uma definição simplista: “sofrer é perder algo que se tem ou desejava ter. É carregar a vida de ombros curvados e calejados, é lutar, é desmoronar aquilo que nos custou um rio de sangue, de lágrima, de dor, é precisar e não ter”(MOHANA, 1984, p.49-50).

2 O SENTIDO DO SOFRIMENTO

O sofrimento é uma realidade que sempre afeta o homem, uma experiência que o acompanha por toda vida. Desde o primeiro ao último homem, uns mais outros menos, cada um sofre de uma maneira exclusiva porque envolve toda a sua história pessoal, sofre do seu jeito. O homem vive nesta situação e quer saber qual razão, qual motivo. Todos os que sofrem sentem a necessidade de descobrir um motivo, uma justificativa, equivale encontrar uma direção. Tornam-se correntes esses questionamentos: “Por quê?” “Para quê?” Por que Deus permite que sofram se Ele é bom e onipotente? Por que o mal existe no mundo? Qual origem do sofrimento? Qual o melhor modo de enfrentá-lo? Tudo isso perturba a mente humana (JOÃO PAULO II, 2004, p.16).

São muitas as perguntas, bem como complexas e difíceis de serem respondidas. O ser humano as dirige a Deus e aos outros homens. O homem é o único animal que no momento da dor e do sofrimento tem consciência que sofre e pergunta sobre seu sentido. A capacidade de questionar é parte integrante da natureza humana. Por isso, existe um modo tipicamente humano de sofrer, ou seja, sua forma de sofrimento é mais profunda. Esse sofrimento se torna mais intenso quando o homem não encontra uma resposta que seja satisfatória. O homem dotado de espírito criado a “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26), é constituído de razão, vontade, liberdade, isso faz com que seja superior aos outros animais para os “dominar”. “Dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”(Gn 1,28). Dentro da criação o homem possui uma importância fundamental. Ao mesmo tempo que é criado do barro, da argila ele recebe a autonomia para “dominar”.

O homem é criatura de Deus, é argila que vive com hálito de Deus. Depois de Deus, o homem é o ser mais importante do universo, porque ele é criado à ‘imagem e semelhança’ do criador que o eleva acima dos outros animais. Por outro lado, o homem é limitado, fraco, mortal e pecador (MACKENZIE, 1983, p.426).

O sofrimento está relacionado com o fato de ser criado, limitado.

Na tentativa de dar uma resposta às varias perguntas sobre sofrimento, o amor nos coloca nesta dimensão, ou seja, nos consola: “mais sofrem os que mais amam”(AQUINO, 2003,p.9). Quando compreendemos e experimentamos a beleza e a imensidão do amor de Deus que nos criou e nos salvou por amor, entramos neste mistério. O amor é o lugar privilegiado para encontrar o sentido do sofrimento, no entanto, mesmo assim permanece um enigma. Mas a luz para clarear a nossa mente vem como um dom, um presente de Deus para nós que é Jesus Cristo, o nosso Salvador e libertador(JOÃO PAULO II, 2004, p.22). O próprio Deus que se doa a nós, Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Deus mesmo vem ao encontro da humanidade transviada e sofredora.

O sofrimento é uma situação que atordoa o homem desde os tempos remotos da humanidade e as perguntas sempre decorrem desta experiência. Para melhor entendermos desde os mitos já havia tentativas de dar respostas ao sofrimento, ou pelo menos atenuar um pouco as inquietações humanas. São muitos mitos que falam sobre o mal. Dentro desta variedade temos uns que posicionam o mal antes da criação; outros, depois; outros ainda, são obras dos deuses e por fim, aqueles que dizem que o mal é fruto da união de alma e corpo.

O primeiro: antes da criação o mal se identifica com o caos e o criador vence-o. Hoje a maneira de vencer é através do culto e se aproximando do criador.

O segundo: vem como um fato depois da criação, o mal aqui é fruto da correspondência do homem ao plano do Criador, a não aceitação da economia salvífica. A maneira de tornar livre deste mal é aceitar, aderir ao dom gratuito que Deus nos dá, a redenção eterna. Isso se dá por um duplo movimento: Deus que em sua bondade dá-nos a graça da salvação e o homem com a liberdade pode optar em aceitar ou não. Se aceita é liberto do mal.

O terceiro: o mal é um itinerário *preparado pelos deuses*, frente a essa realidade o homem não tem nenhum poder. O homem é fraco, débil, por isso o mal é o destino certo em sua vida, não tem como sair desta realidade. O mal é mais forte e predomina todas as forças humanas. Somente com a colaboração dos deuses podem se libertar do mal.

O quarto e último: os mitos afirmam o mal como resultado da alma encarcerada pelo corpo, na matéria. Para libertar deste mal é necessária a separação da alma do corpo (RUBIO, 2001, p.605-606).

2.1 Atitudes diante do sofrimento

A experiência do sofrimento é individual, pessoal, singular, portanto, uma realidade subjetiva. Cada um possui uma disposição interior para enfrentá-lo. Podemos resumir em três aspectos fundamentais, sendo que cada aspecto possui inúmeras variações. Os três são os seguintes: físico, psíquico e espiritual (MIER,1996, p.107). A *Salvici Doloris* faz a distinção baseada na composição do homem: o aspecto corporal e espiritual, ou também do sofrimento físico e sofrimento moral. A dimensão psíquica ocupa uma posição que se junta tanto com o sofrer moral quanto com físico. O sofrimento moral é o espiritual. Esse tipo de sofrimento “*dói à alma*”. O seu diagnóstico é mais complicado e do mesmo modo o processo de cura. O aspecto físico é “a dor do corpo”. Esse é identificado com mais precisão e é mais fácil de ser controlado. Pode ser que o sofrimento esteja relacionado com outro não se pode negar, que os sofrimentos morais têm também um componente ‘físico’ ou somático e que freqüentemente se refletem no estado geral do organismo (JOÃO PAULO II, 2004, p.10-11).

Os questionamentos de fundo são lançados para descobrir o significado. Podemos lançar outra pergunta tendo em vista que o sofrimento é “algo profundamente enraizado na própria humanidade” (JOÃO PAULO II, 2004, p.9). A pergunta é “como”: como devo enfrentar o sofrimento? Como viver essa realidade? Qual a maneira mais certa, mais humana de encará-lo? Com qual atitude enfrento essa situação? As respostas precisam ser amadurecidas em nossos corações e necessita de tempo, de vivência e de paciência para aprendê-las. É uma resposta que deve ser percebida interiormente. A vida não perde o sentido na dor, no sofrimento, diante de uma doença incurável. Mesmo nestas situações é possível realizar valores, atos bons e fecundos. É preciso aprender a sofrer. Encarar o sofrimento é uma arte, uma habilidade, uma ciência. O ser humano está sempre em processo de conhecimento. Necessitamos aprender a dar-nos conta de nossas ações, perceber os valores

vivenciais. “É preciso ‘aprender’ a ‘sofrer na fé’ para aprender a viver. A qualidade de nossa vida depende do modo de ‘como’ encaramos o sofrimento” (AQUINO,2003,p.5). Mesmo na dor, no sofrimento, na paixão, temos de encontrar forças para viver e não desanimar.

O homem diante do mal pode comportar-se de dois modos. O primeiro é de acolhimento, aceitação. As explicações possuem caráter vivencial e por isso ajudam a encarar o sofrimento de uma maneira consciente e determinada. Desse modo aumentam a fé, fortalecem o espírito e a alma. O homem amadurece, aproxima-se de Deus e dos irmãos. A atitude daquele que sofre pode ajudar as pessoas que estão a sua volta. O nosso testemunho no sofrimento contribui para que outros encontrem ou recuperem o sentido da vida. Essa atitude traz motivações para si e para os outros. A pessoa permanece serena, mesmo afetada e corroída pela dor. Outro modo é a não aceitação, a revolta, a rebeldia, a rejeição do sofrimento. Isso serve de pretexto para afastar-se de Deus. Quando a pessoa se encontra neste estado ela sofre mais, fica angustiada e não encontra forças para superar a dor. A consequência é o desespero (Catecismo da Igreja Católica, 1998, p.356).

João Mohana apresenta algumas dicas interessantes, podemos reagir de um modo natural. Oferece-nos meios naturais para encarmos essa realidade. São instrumentos humanos: a ciência e outros meios. A outra reação é sobrenatural. Apresenta-nos meios divinos, espirituais. Esses meios são princípios gerais. Em seguida apresenta alguns meios particulares, numa dimensão prática.

Primeiro: a humildade. Ela concentra em si tudo o que dentro de nós constitui luta. A pessoa que possui essa qualidade procura olhar além das aparências, dos interesses próprios. O humilde quando se encontra na dor escuta, redime. O humilde é aquele que superou o orgulho, o egoísmo, o amor próprio; vê-se como criatura limitada e dependente do seu criador poderoso, onipotente e misericordioso. “A humildade e a obediência ao Pai foram o caminho que Cristo percorreu para desatar o nó da soberba e da desobediência de Adão a Deus” (AQUINO, 2003,p.57).

O segundo: o espírito de sacrifício. Está relacionado com capacidade de lutar, de doar-se com coragem. É quando implica dinamicidade e virilidade. É uma capacidade de perder o melhor pelo menos bom.

O terceiro: a sede de perfeição. “Deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48). A perfeição é um elemento de fecundação da própria vida. Uma vida interior na qual o evangelho nos leva a esse estado. As superficialidades da vida pouco servem de degraus à ascensão e à perfeição. Do contrário, o sofrimento é um instrumento que permite a ver além das aparências.

2.2 O sofrimento do inocente

Ao falarmos de sofrimento, é-nos apresentada outra problemática: o sofrimento do inocente, daquele que não tem culpa. Os sofrimentos, normalmente, possuem suas causas e seus motivos. Qual é a causa do sofrimento do inocente? Qual a sua utilidade? Será que Deus não está sendo injusto, permitindo que os inocentes sofram? O mal, o sofrimento do inocente não é dotado de sentido. Muitos inocentes sofrem por males que não foram causados pelos homens, esse sofrimento constitui-se um mistério, tanto no âmbito humano como no religioso.

Não podemos culpar a Deus pelos sofrimentos dos inocentes. Eles também são seres humanos, com as suas faculdades, possuem dignidade da pessoa humana, e, conseqüentemente, a sorte da humanidade. Todos os homens, inocentes e pecadores, estão abertos às dores e aos sofrimentos. “A criança sofre porque é solidária com a humanidade, e as consequências de seus erros a atingem também, embora inocente”(AQUINO, 2003,p.16). Sofrem porque são solidários à humanidade. O santo, o inocente vai a Deus e roga-Lhe em nosso favor. É ele que intercede por nós, “pelos transgressores fez intercessão” (Is 53,12). Ele apresenta a Deus a sua oração e também o seu sofrimento. Assume a paixão em favor dos pecadores. Frente a enigmas, Interrogações, inquietações e indignações, até mesmo diante de um escândalo que é o sofrimento do inocente é transformado num bem por excelência: a salvação dos pecadores.

O Antigo Testamento apresenta o protótipo de uma pessoa que sofreu inocentemente: Jó. Homem rico, justo e piedoso que não havia feito nenhum

mal, mas que passa pelo crivo da dor e do sofrimento. Ele é consciente de não ter merecido semelhante castigo e vai expondo o bem que praticou em toda sua vida. Surgiram, então, três personagens representantes da ortodoxia e tentaram “convencê-lo de que, para ser sido de atingido por variados e tão terríveis sofrimentos, deve ter cometido alguma falta grave”(JOÃO PAULO II, 2004, p.17). Para os amigos de Jó, a pessoa sofre quando comete uma injustiça ou pecado. Jó, no entanto, reprova este princípio. Alguns sofrimentos são frutos da maldade humana, porém, não se pode absolutizá-los. O livro mostra-nos que o sofrimento atinge o inocente e não é somente punição de alguma culpa ou injustiça.

3 O ASPECTO SOLIDÁRIO DO SOFRIMENTO

O sofrimento apresenta uma característica muito forte. É a dimensão solidária. Uma pessoa que passa pelo crivo da dor, do sofrimento ela se solidariza mais. O próprio verbo “solidarizar” tem um significado muito forte: “tornar solidário; testemunhar solidariedade; oferecer apoio; apoiar” (BUENO, 1984, p.1069). O fato de ter essa experiência torna a pessoa mais humana e sensível à dor do próximo. Temos aqui o sofrimento de Cristo que é solidário a nós; através dessa árvore recebemos o fruto da Vida Eterna. E também o sofrimento que nos faz enxergar e entender quem é o meu próximo.

3.1 O sofrimento de Cristo nos redime

Ao falarmos do sofrimento é imprescindível citar Aquele que sofreu, doou a sua vida, por nossa causa. Sofreu sem ter culpa, isto é, inocentemente. Jesus Cristo deu outro sentido ao sofrimento. Ao se tratar daquilo que Cristo sofreu abre-se um grande leque sobre o tema referente da redenção. “Porque a redenção se realizou mediante a cruz de Cristo, ou seja, pelo sofrimento” (JOÃO PAULO II, 2004, p.6).

A partir do sofrimento redentor de Cristo, de sua paixão, deu-se uma guinada no sentido do sofrimento. Agora ele se apresenta carregado de significado: “na cruz o sofrimento tem um conteúdo, não é somente uma desgraça inevitável” (MIER, 1996, p.81). Cristo sofreu para resgatar a fim de redimir também o nosso sofrimento e conseqüentemente de sua redenção:

Realizando a Redenção por meio do sofrimento de Cristo, elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de redenção. Por isso, todos os homens, com seu sofrimento podem-se tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo (JOÃO PAULO II, 2004, p.39).

Quando nos associamos ao sofrimento de Cristo, o nosso torna-se redentor e também matéria-prima de salvação. Um meio pelo qual nos aproximamos de Deus, fazendo um encontro pessoal e profundo com sua pessoa. Na medida em que avocamos o sofrimento de Cristo em nossa vida e descobriremos o seu efeito, seu valor e seu fruto, essa descoberta inunda a

alma de paz e de alegria espiritual, a ponto de dizermos com são Paulo: “agora me regozijo nos meus sofrimentos por vós” (Col 1,24).

Deus em seu infinito amor, vendo o homem imbuído de pecado e afastando-se cada vez mais de sua misericórdia, resolveu comunica-lhe a vida, ao homem, resgatando-o, libertando-o do poder e da morte. O plano de Deus é salvar-nos e livrar-nos do sofrimento nesta vida, - exemplo disso são as curas realizadas por Jesus. Porém, o seu objetivo maior é a salvação à outra vida, isto é, quer nos salvar do sofrimento definitivo e eterno. “Pois amou tanto o mundo, que entregou seu filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”(Jo 3,16). Esse “não perecer” está intimamente ligado com a “vida eterna”. O contrário da salvação não é, pois, somente o sofrimento presente, temporal, qualquer sofrimento, mas aquele que é para sempre. Jesus Cristo é consciente de redimir o homem por completo. Isso implica a dimensão corporal e espiritual. Portanto, ele se apresenta como refúgio para o homem.

Nós também, com o nosso sofrimento podemos participar do sofrimento redentor de Cristo e usar dele como instrumento para a nossa salvação e de muitos. “O Redentor sofreu em lugar do homem. Todo homem participa da sua Redenção” (JOÃO PAULO II, 2004, p.38). Cristo permitiu que partilhássemos do mesmo plano.

A palavra “redenção” é proveniente do latim, “redemptio” que significa: “recomprar, resgatar, libertar. É a intervenção de Deus para redimir, resgatar e salvar o homem do pecado. É Deus que vem ao encontro de seu povo, revelando e deixando ser conhecido”(PEDRO,1993, p.262). Ele sempre se manifestou na história. O ápice desta revelação consiste no envio de seu único Filho ao mundo, que se encarnou: nasceu, viveu, sofreu e morreu na cruz. Com esse percurso elevou o homem da sua miséria ao estado de filho de Deus, ou seja, introduziu o homem na graça de Deus. Esta é a grande demonstração de amor, da graça e da bondade de Deus.

Cristo aproximou o homem de Deus. Ele constituiu uma comunidade de discípulos. E no grande acontecimento de sua paixão e morte surge a igreja que tem como objetivo levar adiante a missão começada por Cristo: levar a salvação a todo o mundo, sendo instrumento visível para libertação do mal e do sofrimento, sobretudo do mal eterno. Aquele que participa do sofrimento de Cristo encontra na igreja o seu refúgio e a sua força. “Agora eu em regozijo nos

meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta nas tribulações de Cristo pelo seu corpo, que é a igreja” (Col 1, 24). Essa passagem não significa que o sofrimento de Cristo foi insuficiente para a nossa salvação. A salvação, a redenção como fato objetivo foi realizada e é uma realidade. Agora, cabe a cada um de nós correspondermos a esse dom, a essa proposta que Cristo nos fez conformando a nossa vontade com a de Deus, isto é, assemelhando-nos à nossa cabeça que é Cristo. O sofrimento de Cristo está relacionado com o estabelecimento e a realização de seu Reino na terra. E a igreja deve cultivar e levar adiante essa responsabilidade. Quem se compromete com Cristo e seu Reinado participa também de seu sofrimento redentor.

3.2 O sofrimento em relação ao próximo

O sofrimento desperta em cada pessoa humana a afinidade, torna-a mais humana, aproxima mais um do outro, cria um espírito de união, comunhão e de solidariedade. Mesmo ele possuindo várias maneiras de se manifestar e diversos graus, há algo em comum entre aqueles que sofrem: a própria experiência do sofrimento, as inquietações diante do mesmo como também as perguntas acerca do seu sentido. A partilha cria laços profundos e aguça a sensibilidade e a caridade, proporcionando uma ajuda recíproca. “Embora o mundo do sofrimento exista na dispersão, contém em si, ao mesmo tempo, um singular desafio à comunhão e à solidariedade” (JOÃO PAULO II, 2004, p.14).

O sofrimento de Cristo é radicalmente solidário, porque não sofreu por sua própria causa, mas por todos e para todos. Ele quis sarar, curar a dor de cada homem de um modo particular e pessoal. Ele não pensou na humanidade em geral, mas em cada indivíduo, porque o seu amor é exclusivo. De muitos modos Jesus mostrou-nos o modo de sofrer e na cruz Ele viveu e experimentou essa realidade, inaugurou esse processo de solidariedade que culminará na união e comunhão de todos (MIER, 1996,p.263).

Em Lucas 10,27-37, vê-se essa realidade de ser solidário ao sofrimento do próximo. Essa passagem é tida como o “grande mandamento”. A vivência do sofrimento nos introduz na prática do evangelho que é o exercício do amor e da caridade. Viver isso é essencial para uma vida autenticamente cristã. A

presente parábola nos ajuda a descobrir quem é o meu próximo e como amá-lo.

O texto do Bom Samaritano expressa a rejeição que alguns tem, diante do sofrimento e outro comportamento, muito solidário. Apresenta um contato com a pessoa que sofre e o torna-se solidário a ela. Responde também à pergunta: “Quem é o meu próximo?” O bom samaritano foi sensível à dor e o sofrimento próximo e mostra-nos a atitude que devemos tomar frente ao sofrimento alheio. O homem é chamado a ser bom samaritano em toda sua vida. Não podemos ser indiferentes e apáticos, pois a indiferença e a apatia fazem com que o sofridor mergulhe mais na sua dor. Diante de tal situação devemos abrir nossa alma e dilatar o nosso coração tornando-o sensível e solidário ao outro.

Devemos ter em vista que seguir a Cristo não é aderir a um conjunto de idéias, doutrinas, mas é se entregar à sua pessoa mesma. Do mesmo modo, referindo-se ao sofrimento, ele não faz grandes explicações racionais do sofrimento, nem teorias revolucionárias, mas ensina-nos com a própria vida: seu ser e agir. O exemplo citado no texto do evangelho oferece-nos um caminho, algo que se deve praticar. “A parábola ensina como se cumpre praticamente com o amor do próximo, que era um problema vital” (LEAL; VICENTINI; GUTIERREZ; SEGOVIA; COLLANTES; BARTINA, MCMLXV, p.658). Esse texto apresenta-nos duas realidades: de um lado, o modo de amar; e de outro, quem é o meu próximo. “Quem é o meu próximo?” É aquele que precisa do outro, depende. Mas, é, também, aquele que se coloca a serviço, pratica a caridade, faz o bem com amor, uma ação que deve brotar do mais íntimo do coração.

A caridade, a solidariedade para que seja verdadeira e eficaz deve ser inspirada no amor e no exemplo de Jesus. Deste modo, torna-se uma ação voluntária, incondicional, sem nenhum interesse ou aceção de pessoas, nem distinção de raça, cor, religião. A solidariedade para ser real e eficaz deve surgir do interior da pessoa. O próximo é uma pessoa concreta que está do meu lado e não alguém abstrato. Diante do próximo, a minha postura é de “parar”, ter compaixão. Nós somos chamados a ser samaritanos, porque o bom samaritano é aquele que detém junto ao sofrimento de um outro homem...

“Cultivar em si próprio esta sensibilidade de coração, que demonstra compaixão por quem sofre” (JOÃO PAULO II, 2004, p.60-61).

Quando fazemos caridade ao próximo não é somente a ele que fazemos, mas ao próprio Cristo que se encontra na pessoa do pobre, do fraco, do necessitado, do oprimido, do doente, em geral, daquele que sofre. “Pois tive fome e me deste de comer. Tive sede e me deste de beber... Em verdade vos digo: ‘cada vez que fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes’” (Mt 25, 35-40). Devemos praticar o amor nas suas mais variadas formas, sermos sensíveis à dor alheia, servir sem interesse, ser exemplo. A grande realização do homem dá-se no amor, na ajuda ao próximo, inspirando-se em Cristo, seguir o seu caminho, porque ele nos “ensinou a fazer o bem com o sofrimento e ao mesmo tempo, fazer o bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, resolveu cabalmente o sentido do sofrimento” (JOÃO PAULO II, 2004, p.67). Quando o homem centra sua vida em Cristo não fica passivo a estas realidades, é libertado do egocentrismo. Jesus Cristo mostrou-nos na prática “como” devemos fazer:

No programa messiânico de Cristo, que é ao mesmo tempo o programa do Reino de Deus, o sofrimento está presente no mundo para desencadear o amor, para fazer nascer obras de amor para com o próximo, para transformar toda civilização humana na ‘civilização do amor’, com este amor é que o significado salvífico do sofrimento se realiza totalmente e atinge a sua dimensão definitiva(JOÃO PAULO II, 2004, p.66).

4 O SOFRIMENTO ENALTECE O HOMEM

O homem atual encontra-se num contexto de muitas e significativas descobertas e avanços medicinais. Por isso, incondicionalmente, ele rejeita o sofrimento e com eles o seu sentido, criando dentro de si uma recusa do mesmo. Para a sociedade moderna as palavras como sofrer, ser derrotado, humilhado, devem ser eliminadas completamente. Por isso muitas pessoas perderam o sentido da vida e algumas até tiraram a própria, porque buscaram a solução imediata para suas vidas e o seu sofrimento, não aprenderam a enfrentá-lo, superá-lo, mas eliminaram-no de uma forma drástica. Apesar das possibilidades, os recursos cada vez mais sofisticados – as pessoas amparadas pela terapia tanto referentes ao sofrimento físico quanto aos psíquicos – com tudo isso, muitos sofrimentos extrapolam ao controle da medicina, da ciência, do homem. Conseqüentemente, o homem se sente uma vítima sem instrumentos para reagir, experimenta uma sensação de limitação e impotência.

É bem verdade que o sofrimento, em si, é um mal. Mas, como “parece ser algo quase inseparável da existência terrena do homem” (JOÃO PAULO II, 2004, p.7) e não havendo meios suficientes para eliminá-lo completamente, então, procuramos uma maneira diferente de vivenciá-lo, aproveitando-o. Afirma santo Agostinho: “Deus tira o bem até do mal” (AGOSTINHO, 1997, p. 35). Temos que aplicar essa regra na iminência do sofrimento. Este, por sua vez, é um mal, uma dor, mas Deus aproveita disso para presentear o homem com um bem, “Deus tira algo de bom”. Portanto, o sofrimento torna-se uma lição, um ensinamento, uma escola de vida.

A dor ajuda-nos a encontrarmos conosco mesmos, tornando-nos cada vez mais cômicos de que somos limitados e finitos. É, também, um instrumento que contribui para vencermos o nosso orgulho, egoísmo, auto-suficiência e a sair de nós mesmos e indo ao encontro do próximo. Deus tira um bem do mal, no entanto, “não converte o mal em bem. O mal continua sendo mal, seja físico ou moral” (AQUINO, 2003, p.14). O cristão não é Masoquista e nem diz que o sofrimento é um bem em si mesmo. Entretanto, já que é algo inevitável, vamos canalizá-lo tirando dele um bem. Além disso, o sofrer pode nos trazer o bem supremo, o nosso criador e Redentor. A dor

outorga-nos a humildade e esta é um terreno fértil para a ação de Deus em nossa vida. É em nossa fraqueza que Deus age e mostra a sua força e seu poder, “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (II Cor 12, 9).

O sofrimento leva a pessoa a mudar de vida. Uma pedagogia que Deus usa para aproximar os seus filhos de si. Um bom pai corrige o seu filho, educa-o e coloca limites em sua vida. “Gostaria de exortar que não se desconsertem diante de tais calamidades, mas pensem antes que esses castigos não sucederam para a ruína, mas para a correção da nossa gente” (II Mc 6, 12).

Quando se enfrenta o sofrimento de modo consciente, conhecendo o seu sentido, o seu significado e os seus frutos, torna-se mais fácil de vivê-lo. Além disso, faz com que o sofredor tenha uma experiência profunda com Deus, ou seja, para quem sabe tirar um bem do sofrimento ele se torna uma oração.

Para nossa realização como ser humano faz-se necessário um encontro pessoal com Deus e isso se dá mediante a oração. Ela é um meio que nos introduz na vida divina, na presença de Deus. Ao sofrer, o homem sente a necessidade de pedir ajuda, consolo e conforto. A partir daí surge do mais profundo do coração a oração de lamentação-pedido. “A lamentação faz parte da linguagem da fé para falar com Deus, nos momentos em que o sofrimento ou a adversidade acossam a vida do crente” (RUBIO, 2001, p. 665).

A lamentação é recorrer a Deus pedindo-lhe auxílio, força e proteção. A pessoa sente-se impotente, frágil, débil diante do sofrimento. O homem possui uma sede profunda de um ser superior, Todo-Poderoso. Ele descobre realmente que é limitado e, portanto, deve viver numa profunda dependência com o criador. “A espécie mais comum de lamentação é uma forma de oração em que lamenta sua indignidade ou infortúnio, e suplica a lahweh pedindo assistência e libertação” (MACKENZE, 1983, p.531).

Se a pessoa acredita em Deus, tem fé e uma visão sobrenatural do sofrimento, sua lamentação não é somente um ruído, um grito, mas um pedido de ajuda que brota do mais íntimo da alma. Pelo fato de sermos criaturas limitadas e dependentes, precisamos do auxílio Divino. Por isso, pedimos socorro a Deus. Esse pedido transforma-se numa oração, num conhecimento mais íntimo e profundo de Deus. Se não consigo eliminar o sofrimento em minha vida, devo pedir a Deus força, ânimo e disposição para encará-lo da

maneira mais fecunda possível. Deus nos concede a graça de amar o sofrimento, não por sermos masoquista, mas porque é algo inevitável. Se não há como fugir dele, a melhor atitude é tirar-lhe um bem.

Santa Faustina valoriza muito a dimensão do sofrimento. Sempre o tem como momento privilegiado em sua vida. “O sofrimento é um alimento para a alma. A partir do momento em que cheguei a amar o sofrimento, ele deixou de ser um padecimento para mim” (KOWVALSKA, 1982, p.106). Quando o sofrimento é enfrentado com suas devidas disposições ele se torna instrumento de unidade e de comunhão, mesmo que na dor ele provoque indignação, perturbação e, muitas vezes, nos queixamos contra Deus. A atitude de Deus diante do sofrimento do outro não é explicativa, nem somente consoladora, ou compreensiva, mas ele se faz presente. “O crucificado está aí para levar ante o mundo a categoria dos sofredores, que nos exige ajuda para superar essa situação e ao mesmo tempo enriquece a humanidade” (MIER, 1996, p.260).

O sofrimento humano deve estar unido ao sofrimento redentor de Cristo. Todos os homens com o seu sofrimento podem participar do sofrimento de Cristo. O sofrimento arranca nossas máscaras, os enfeites, proporcionando um encontro com a pessoa mesma do outro e, sobretudo, com Deus. O fruto é certo na vida do homem que sofre, só não acontece quando ele se fecha em si mesmo, em seu mundo. Quando ocorre isso a pessoa sofre duas vezes: primeiramente; porque é um sofrimento; segundo, porque o seu sofrimento é inevitável e não possui um sentido, um objetivo e uma finalidade. Na medida em que uma pessoa vive assim ela se frustra, decepciona-se, perde a razão de viver, por fim, desespera-se. “Negar a existência de Deus na hora da dor é criar para si mais um problema, porque se perde a fé que dá coragem e paz para enfrentar o sofrimento” (AQUINO, 2003, p.35).

As provações fortalecem-nos para luta espiritual, por isso, somos movidos a enfrentá-las com disposição e amor. Não podemos perder a paz, a esperança, o sentido da vida que é o próprio Cristo. O sofrimento é um grande instrumento para começarmos a ser mais humanos, maduros, experientes, interiorizados, espirituais, com uma visão ampla e capacitados para enfrentar os obstáculos da vida. Não fugir desta realidade é um instrumento para fazer-nos santos e também para conservar em nós a santidade. Deus nos ama profundamente, e, por isso, educa-nos, corrige-nos com o sofrimento para

gerar em nós “uma obra perfeita” (Tg 1,14). O sofrimento formou grandes homens na história, não somente no âmbito religioso, mas nas diversas áreas da vida, proporcionou grandes personagens, astros conhecidos mundialmente. “O sofrimento é responsável pelos santos, pelos gênios e por grandes vidas. Como por exemplo, Beethoven, Haendel, Santo Inácio de Loyola foram obras do sofrimento” (MOHANA, 1984, p.41). Poderíamos fazer um grande elenco de célebres nomes, grandes santos que se chegaram a tal ponto graças ao sacrifício, à luta, ao esforço e ao sofrimento que souberam encarar com fé.

Nos diversos modos de sofrer e nos seus variados graus; há algo misterioso e particular que leva a pessoa acercar-se mais de Deus, a pessoa recebe uma graça especial de Deus. O poder do Deus criador manifesta-se também no sofrimento, na dor, no deserto, na escuridão da noite.

O sofrimento não somente aproxima a pessoa de Deus, mas a torna mais humana. “O sofrimento deve servir à conversão, isto é, à reconstrução do bem no sujeito que pode reconhecer a misericórdia divina neste chamamento a penitência” (JOÃO PAULO II, 2004, p.7).

O sofrimento possui uma dimensão muito ampla que ultrapassa os limites, até mesmo, da nossa compreensão. Também possui uma força de transformação e renovação muito eficaz. Não somente do ponto de vista sobrenatural, religioso, mas humano, natural. O fato de sofrer não tira a dignidade do homem, pelo contrário, quando ele sofre com Cristo torna-se diferente, uma pessoa renovada. Deixemos Cristo habitar em nossa fraqueza e nos fortalecer, dando-nos os frutos necessários, da vivencia e de como encaramos o sofrimento. Para esclarecer mais esse pensamento o Papa João Paulo II, fala-nos de um modo muito profundo que:

O fruto de semelhante conversão é apenas o fato de que o homem descobre o sentido salvífico do sofrimento, mas, sobretudo que no sofrimento ele se torna um homem totalmente novo. Encontra como que uma maneira nova para avaliar toda a sua vida e a própria vocação (Id, 2004, p.55).

CONCLUSÃO

Inferi-se que o sofrimento é parte inseparável da natureza humana, por isso, a necessidade de melhor enfrentar. Descobrir o seu sentido para colher os frutos necessários.

O sofrimento pode e deve ser bem aproveitado. Se assim for, engrandece e enaltece o homem tornando-o cada vez mais humano e solidário. Aproxima um do outro e também de Deus. Quando olha por este prisma ele se torna um tesouro, um meio de oração e de santificação. Enfrentar o sofrimento com coragem e otimismo. Ele se torna importante para o nosso crescimento pessoal e também espiritual. O homem sofre porque é próprio da sua natureza, Isto é, pelo fato de ser criatura, limitada, finita. E o que mais faz sofrer é porque sabe que sofre e questiona sobre. Não encontrando respostas satisfatórias aumenta mais.

Eliminar Deus da vida não é a solução para o problema, pelo contrário cria para si outro problema, ou acrescenta o que já tem. Aquele que sofre com fé e olha de modo sobrenatural mesmo na dor, no sofrimento é uma pessoa feliz, porque sabe que o próprio Cristo sofreu. Nestas circunstâncias deve pedir a Deus força, ânimo para sacar os frutos necessários para a vida a partir da sua situação. Fazer do sofrimento uma oração, um encontro pessoal com Deus que é amor.

A rejeição do sofrimento ou não aceitação gera na pessoa rebeldia, desespero. Conseqüentemente, não encontra forças para viver essa realidade, nem para superar. Vimos neste trabalho alguns modos de enfrentar, como sendo “humilde”, com “espírito de sacrifício”, “sede de perfeição” e fé, buscando em Deus coragem e o sentido da vida.

O sofrimento de Cristo foi um exemplo para todos nós. Mediante a sua paixão e morte de cruz ele deu-nos uma grande aula, ensinou-nos o que é o sofrimento e como se deve sofrer não com idéias e discursos brilhantes, mas com a sua vida, sua ação, seu testemunho. Jesus fez isso, não para si mesmo, para satisfação de seu ego, mas para salvação e redenção de todos os homens. Para arrancar o homem do sofrimento, mas, sobretudo, já na sua vida pública fez muitas curas, ou seja, aliviou muitos sofrimentos tanto físicos (dor do corpo) como também do espírito (dor na alma), o último é o objetivo

principal de Cristo livrar-nos do sofrimento eterno. O sofrimento de Cristo é um sofrimento redentor. E o nosso associado ao Dele torna-se um campo fecundo para salvação.

O amor de Cristo por cada um de nós, amor manifestado e expressado no sofrimento, doando sua vida, fazendo uma entrega por cada um de nós. Essa atitude de Jesus responde muitas perguntas que fazemos a respeito do sofrimento. Ele nos ensina como viver esta realidade. Quando sofremos com Cristo temos outra disposição, mesmo sem entendermos profundamente o que se passa nós aceitamos como uma experiência que pode ser boa.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza J. Amarante. São Paulo: Paulus, 2 ed. 1997.
- AQUINO, Felipe. **Sofrendo na fé**. Lorena, SP: Cléofas, 2003.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 8 ed. Tradução da Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. São Paulo: Paulus, 2000.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar de língua portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1984.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Vozes, Paulinas, Loyola, Ave-Maria. 8 ed., 1998.
- COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H.; **Dicionário Teológico del Nuevo Testamento. M-Z**. Salamanca: Sigueme, 2 ed. 1999, vol II.
- LEAL, Juan; VICENTINI, José I.; GUTIERREZ, Pastor; SEGOVIA, Augusto, COLLANTES, Justo y Bartina, Sebastian. **La Sagrada Escritura**. Neuvo Testamento. Vol. I, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. Ano MCMLXV.
- JOÃO PAULO II. **Salvici Doloris**. O Sentido do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia**. Tradução Simão Voigot. Petrópolis: Vozes, 7 ed. 2002.
- MACKENZIE. Jhon. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.
- MIER, Francisco. **Teologia da Cruz**. Típicos de las riquezas de la pasión. Madrid: San Pablo, 1996.
- MOHANA, João. **Sofrer e amar**. Rio de Janeiro: Agir, 15 ed, 1984.
- PEDRO, de Aquilino. **Dicionário de termos religiosos afins**. Aparecida: Santuário, 1993.
- RUBIO, Afonso Garcia. **Unidade na Pluralidade**. São Paulo: Paulus, 2001.
- SOUZA, Maria Conceição Barreira. **Logos**. Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia. Vol. IV. Lisboa/São Paulo. Verbo, 1989.

KOWALSKA, Maria Faustina. **Diário**. Misericórdia Divina na minha alma. Curitiba. Providência da divina misericórdia dos padres marianos. 1982.